

Liberdade para andar na escola

ELIANA SISLA¹

Aprender a andar pela escola, sem ser sempre em fila, apresenta, do ponto de vista cognitivo, da convivência, da autonomia, um desafio.

Quando assumi a direção de uma creche² e reuni, pela primeira vez, a equipe para escutar sua demanda fui surpreendida com o pedido unânime para que se colocasse um portão entre o pátio interno e a área externa. *As crianças fogem para o parque*, disseram-me elas. Escutei a queixa, mas, ao invés de colocar um portão, trabalhamos juntas na implantação de um cotidiano de atividades que podiam interessar realmente as crianças. Depois disso, nunca mais houve fuga. Claro que incluímos na rotina também longos momentos no parque, pois este era um desejo legítimo das crianças. Aos poucos, foi sendo modificado o espaço do parque, que mais parecia prisão do que área de convívio e brincadeiras infantis. Vieram as plantas para esconder o aramado e sombrear algumas áreas. Foi feito um tanque de areia decorado com mosaicos com a ajuda dos pais. Reunimos brinquedos e organizamos caixas para guardá-los. Queríamos que este fosse um lugar para as brincadeiras, para o encontro entre as crianças de diversas idades e para o prazer de estar em contato com a natureza e se movimentar.

Cito estes dois episódios porque eles me remetem às ideias do filósofo francês Michel Foucault, apresentadas em sua obra *Vigia e Punir*;

*“A rotina da escola marcada pela organização militarizada das filas mostra a necessidade de disciplinar crianças, cerceando ao longo do período escolar sua autonomia. Essa forma de organização da rotina, lembra a necessidade de produzir ‘corpos dóceis’ (Foucault, 1977), submissos e disciplinados que caracterizavam os contextos institucionais e escolares desde o século XVII”.*³

A obra é um tratado histórico das relações de poder, opressão e submissão do corpo. O autor mostra como estas relações foram, nos séculos XVII e XVIII, talhando as práticas e o cotidiano das prisões, dos hospitais, das fábricas, do exército e das escolas, por meio

¹ Eliana Sisle é psicóloga e formadora do Instituto Avisa Lá. Foi diretora e coordenadora da creche Recanto da Alegria II da Associação Criança Brasil.

² Recanto da Alegria II, Real Parque, São Paulo (SP).

³ Salas de aula de escolas infantis: domínio da fila, tempo de espera e falta de autonomia da criança Tizuko Morchida Kishimoto. Nuances- Vol. V- Julho de 1999

de rotinas rígidas e da disciplina severa, que pretendia subjugar o corpo para que se tornasse dócil e submisso.

Estas ideias, que estão na raiz da fundação da escola, ainda permeiam muitas práticas escolares. O desejo de conter a liberdade e os movimentos das crianças está, desde sempre, presente no âmbito escolar. O que dizer da tradição inabalável de formar filas para tudo? Em que momentos a fila é realmente necessária?

As crianças não andam, correm.

Antes de tudo é importante considerar, que para as crianças pequenas ficar parada significa um imenso gasto de energia. Isso acontece porque elas estão aprendendo a coordenar as cadeias musculares necessárias para manter-se nas posturas e também para se movimentar⁴. Esta é uma das razões que faz com que as crianças pequenas, muitas vezes, corram ao invés de andar.

E é ao correr que elas irão adquirir prática e coordenação para saltar objetos, degraus, frear, desviar de obstáculos e observar os diferentes tipos de piso. Se a criança tem muitas oportunidades de se exercitar na corrida, os acidentes ocorreram cada vez menos. Também é bom lembrar que joelhos ralados fazem parte da infância. É importante combinar isso com os pais logo de início e prever os curativos.

Uma hipótese é que andar em fila para o professor significa organização, segurança, “domínio de sala” e, então, pensam em diferentes formas de “ensinar” as crianças esta prática: ora trezinho, ora as crianças de mãos dadas, duas a duas, agarradas nas camisetas umas das outras, ou segurando em uma corda. Andar em fila nestas situações também pode ser perigoso, quando um puxa o outro ao se desequilibrar. Mas, sobretudo, andar desta forma não é uma prática social, não nos locomovemos desta maneira.

Fila indiana é uma expressão remonta ao século XIX. Refere-se ao fato de que os índios da América do Norte (que se pensava ser a Índia) moviam-se, um após o outro, como estratégia de guerra, fazendo crer aos inimigos que eram em menor número, deixando menos pegadas.

⁴ A Criança e o Movimento. Isabel Porto Filgueiras. Revista Avisa lá nº 11

Mas as crianças mesmo em fila não ficam paradas, cutucam-se, empurram-se, gesticulam e se mexem o tempo todo. Isso não significa que estão descontroladas ou que há bagunça. É assim que criança é, por mais que se queira manter um controle sobre o seu corpo.

Quando levei, nos últimos anos, este assunto para minhas reuniões de formação com profissionais da Educação Infantil⁵, escutei algumas colocações recorrentes:

Criança não sabe esperar. Criança tem que aprender a esperar. A disciplina está faltando nos dias de hoje. As filas organizam o grupo. Na fila, as crianças aprendem vendo o que as outras estão fazendo. As crianças aprendem a ter paciência.

De fato, há filas que são necessárias em um ambiente coletivo e com elas se aprendem regras importantes para a vida em sociedade. Saber esperar sua vez é algo que se aprende, mas há de ser dentro de um contexto significativo, sem que haja espera ociosa, desprovida de sentido, respeitando o tempo próprio da criança pequena, que é diferente da capacidade de esperar do adulto.

Em reunião de formação pedi para os participantes compartilharem uma lembrança de situação de fila vivida na escola.

Eu me lembro da fila para entrar na sala, que tortura a espera.

Fila para ir ao banheiro, que dureza!

Lembro que ficava tanto tempo na fila para comprar meu lanche que, enfim, quando conseguia o lanche, o recreio já estava no fim e não tinha tempo de comer.

A fila era organizada por tamanho das crianças e eu era sempre a última. Odiava!

A professora mandava sempre estender o braço para manter distância!

Criança detesta esperar e nós, adultos, também. Já há alguns anos vimos os estados e município legislarem sobre o tempo de espera em filas em bancos e supermercados. Em São Paulo ela é conhecida como a lei dos 15 minutos⁶. Considera-se, nestas leis, que a espera excessiva fere os princípios da dignidade humana.

⁵ Este texto retrata as discussões realizadas com os grupos de profissionais das Secretarias de Educação envolvidos no Programa de Educação Infantil Santander e Formar em Rede + em 2015 e 2016.

⁶ Lei Municipal 13.948, de 20-01-2005

Reduzir a fila e andar com autonomia é possível?

Para reverter esta situação seria necessário que as equipes refletissem conjuntamente sobre o que a escola poderia fazer para possibilitar que as crianças andem com liberdade. Trata-se, na realidade, de construir uma cultura escolar que acredite nas competências das crianças e que possibilite que elas construam autonomia, deixando para trás práticas tradicionais que não estão alinhadas com as ideias de participação e protagonismo.

Concretamente, para reduzir a espera nas filas é necessário refletir sobre os espaços onde ocorre a concentração de muitas crianças, dependendo, claro, da área disponível de cada escola. Por exemplo, no refeitório, nos banheiros, no lavatório, na saída e entrada. Pode-se organizar um rodízio dos grupos ou a chegada escalonada das crianças a estes locais. No refeitório, prever o convívio de grupos de idades diferentes pode ser uma boa situação pedagógica, assim, as crianças mais velhas podem ajudar a ensinar as regras sociais para as menores.

É importante também prever uma quantidade adequada de equipamentos. Neste sentido, é interessante que o gestor observe os grupos de crianças nos banheiros e nos lavatórios para ver se a quantidade de vasos sanitários, torneiras, pias, dispensadores de toalha e sabonete líquido necessita ser aumentada. E no refeitório, avaliar se é necessário colocar mais bancadas para as crianças se servirem, ou organizar o self-service nos dois lados da bancada, reduzindo assim, o tempo de espera.

De que forma as crianças estão aguardando sua vez de se servir nesta situação?



As crianças aguardam sua vez de se servir sentadas, conversando entre elas. É uma espera ativa, plena de sentido e de interações sociais.

Ação coordenada da equipe

É interessante pensar que os planejamentos escolares costumam ficar restritos apenas às atividades pedagógicas realizadas na sala de aula. Entretanto, as crianças aprendem o tempo todo e nas diversas situações. Assim, pode-se planejar como as crianças irão se locomover entre a sala e o lavatório.

As práticas excessivamente coletivizadas, tão comuns nas escolas, também merecem questionamento. Será que as crianças precisam realmente esperar que todas acabem a tarefa? As crianças maiores, que já conhecem a rotina, não poderiam se encaminhar para a próxima atividade? Vejamos como isso pode acontecer na observação, em uma escola da cidade de Leme.

Para nossa surpresa, percebemos que as crianças do Pré-1 e Pré-2 estavam plenamente conscientes dos momentos da rotina da sala e da escola... Quando acabaram a refeição, as crianças não ficaram esperando todas terminarem, foram até suas bolsas pegaram a escova de dente e a pasta e realizaram a escovação. Em seguida, guardaram tudo e voltaram para sala, dando continuidade às atividades. (Maria José Aparecida Franco da Silveira Campanholi, relato de supervisão).

Os professores podem trabalhar em equipe, responsabilizando-se por todas as crianças da escola, rompendo com a ideia de que só “eu” posso ajudar o meu grupo. Elas podem se dividir para auxiliar as crianças nos diversos locais: no refeitório, no banheiro e na busca do nécessaire na mochila, etc. Cria-se, assim, um fluxo de circulação mais orgânico.

Autonomia com cuidado e segurança

A equipe escolar, incluindo as auxiliares de serviço geral, as merendeiras, os porteiros, pode estar preparada para acompanhar, supervisionar e orientar as crianças nas ações que acontecem fora da sala de aula. Para que isso aconteça, é indispensável que o pessoal de apoio participe dos encontros de formação na escola, para que conheçam a intencionalidade da proposta pedagógica, e assim possam orientar de forma adequada as crianças na conquista da autonomia.

Também para que possam se locomover com liberdade pela escola, é necessário cuidar da segurança das crianças com algumas precauções fundamentais: portões externos sempre fechados, limpeza prevista em momentos onde não haja circulação dos pequenos, produtos de limpeza guardados em segurança, além de colocar corrimão nas escadas e desníveis e sinalizá-los com a cor amarela. Os acidentes que possam ocorrer, mesmo com

as precauções, precisam ser registrados e analisados, buscando-se a eliminação de qualquer perigo.

No início do ano, os professores podem organizar uma visita aos espaços da escola para que as crianças conheçam as regras de uso de cada local, construindo combinados reais com elas, isto é, escutando o que dizem e debatendo as propostas que surgem. Cartazes com desenho ou com as palavras das crianças podem ser afixados nos diferentes locais.



Escola Maria Pereira Guimarães – Colinas



EMEI Benedita de Lourdes - Itapira

O conhecimento por parte das crianças de todos os profissionais que atuam na escola, já no início do ano, é mais um cuidado possível. Seria interessante apresentar o pessoal de apoio, a equipe de direção e da administração, explicitando que elas podem também contar com eles se precisarem. Assim, pedir, por exemplo, que uma criança vá sozinha ou em dupla à cozinha para se informar com a merendeira sobre o cardápio do almoço, se torna possível.

Pesquisas mostram que crianças muito pequenas, bebês ainda, são sim capazes de se colocar no lugar da outra, de ter relações de empatia e de solidariedade⁷, como avisar os adultos quando percebem que algo não vai bem, que alguém precisa de ajuda ou que uma regra de convivência necessária e bem conhecida foi transgredida. Não no papel de *dedo duro*, mas envolvidas e comprometidas com o bem-estar dos colegas e da coletividade, como um valor da escola.

Enfim, muitas são as pistas do que se pode refletir e implantar quando se deseja uma escola voltada para as relações democráticas. Escola que considera aquele que de fato é o personagem principal, a criança e suas peculiaridades, seu modo de ser, de aprender.

Debater e traçar estratégias para reduzir a espera e as filas desnecessárias e desprovidas de sentido, tem uma conotação fortemente ideológica. Afinal de contas não queremos uma sociedade formada por cidadãos conformados e submissos, não é mesmo?



⁷ O que nos faz bons ou maus. Paulo Bloom. <http://www.fronteiras.com>

Fila na escola Caetano de Campos na cidade de São Paulo. (início do século 20)

Fonte: Escolas Para a República: Os Primeiros Passos da Arquitetura das Escolas Públicas Paulistas. EDUSP Silvia Ferreira Santos Wolff



PARA SABER MAIS

A Criança e o Movimento. Isabel Porto Filgueiras. Revista Avisa lá nº 11 SP- 2002

Vigiar e Punir – o nascimento das prisões – Michel Foucault. **Editora:** VOZES - 2005